

ALGUNS ASPECTOS DA METADISCURSIVIDADE NA RESENHA

*Nair Cristina Carlos de Medeiros**

RESUMO

A partir das noções bakhtinianas de gêneros do discurso, este trabalho examina um conjunto de textos, publicados no jornal *Folha de S. Paulo*, que refletem sobre o ato de se compor uma resenha.

Palavras-chave: Gênero do discurso; Metadiscursividade; Resenha.

O presente trabalho examina um conjunto de textos colhidos em arquivos eletrônicos do jornal *Folha de S. Paulo*. Esse *corpus* é composto, na sua maioria, por resenhas, mas conta também com réplicas a resenhas. Desse modo, partimos de um amplo conjunto de textos e o recortamos obedecendo a um critério genérico inicial, a saber: textos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* (doravante FSP) que, de uma forma ou de outra, refletem sobre o ato mesmo de se compor uma resenha. Estabelecido esse conjunto de textos, começemos com uma pergunta genérica: o que pensar de um gênero que, em seu processo de produção, frequentemente reflete sobre a sua própria produção?

METADISCURSIVIDADE

Procuremos responder a essa questão, examinando um primeiro trecho do *corpus* analisado:

O LEITOR, ao ler uma resenha, tem o direito (ou é obrigado a) de conhecer o desfecho do livro comentado? Na prosa de ficção, de hoje ou de 125 anos atrás, vale mais

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo.

o acontecimento que encerra a trama ou os sucessivos passos que levam a ele? E o estilo, é possível dissociá-lo do enredo? (Rodrigo Moura, FSP, Ilustrada, 13/10/2001; grifo nosso)

Nesse excerto, vemos o autor às voltas com uma reflexão em torno do texto literário; vêm-lo indagar acerca de temas tais como estilo, enredo, etc. Esse trecho, entretanto, toca em uma questão que nos interessa muito de perto, e é aparentemente secundária ali. Antes de ir ao ponto, o autor parece estar perguntando ao leitor: o que cabe em uma resenha? Ou, dizendo de outra forma, haveria normas que, se desconsideradas, colocariam em questão uma resenha enquanto resenha? Ou, ainda, perguntando com o resenhista citado acima, revelar o final de um livro ou filme ultrapassaria as funções de uma resenha?

No trecho em questão, temos uma resenha que, dentre outras coisas, faz indagações sobre o gênero resenha, ao mesmo tempo em que produz sua resenha, o autor tenta explicitar uma ou outra característica do gênero, ou ainda problematiza a função do gênero. Esse questionamento sobre a função e características do gênero se encontra presente em muitas resenhas. Não é incomum vermos resenhas desse tipo, isto é, resenhas que a certa altura se põem a perguntar-se se tal ou qual procedimento pertence ao gênero que naquele instante se atualiza. Os exemplos a seguir reiteram isso:

Exemplo 1

Eu queria começar a escrever esta resenha e aproveitar a canja para esculhambar nossa propaganda. Queria também aproveitar o espaço para reclamar de tudo o que acho equivocado em nosso mercado publicitário vis-à-vis com o inglês, mas algo nesse livro foi maior que a minha insatisfação atávica, meu mau humor primal. Maior até que a própria propaganda. Graças à idéia expressa nesse livro *vou ter de ficar bonzinho e tratar de fazer a resenha de forma séria e objetiva*. Vou ter até de fazer alguns elogios. Que Deus me perdoe! (grifo nosso)

Exemplo 2

Há, parece-me, três enfoques básicos para a resenha de um livro: o relacionado ao autor, o de quem o analisa e o do leitor comum. (Gianni Ratto, FSP, Caderno Mais!, 21/12/1997; grifo nosso)

No Exemplo 1, o autor, ao mesmo tempo em que apresenta o modo como abordará seu objeto, explicita o que ele entende ser uma resenha “séria e objetiva”: não pode haver “esculhambação”. O Exemplo 2 fala por si mesmo: ao começar a escrever a resenha, o autor procura estabelecer alguns parâmetros para esse gênero.

A crer nos três trechos acima, não é incomum que alguns textos que se pretendam resenhas ponham-se a tematizar o próprio gênero. Por que essa preocupação em refletir sobre o que cabe ou não no gênero? Por que essa recorrente metadiscursividade?

Uma resposta inicial poderia ser assim enunciada: as características que dão ao gênero uma relativa estabilidade provavelmente não estão definidas de forma satisfatória pelo fato de que o gênero assume múltiplas funções, e isso obriga o resenhista a explicitar para si e para o leitor as regras do jogo do interior do processo.

De acordo com Bakhtin (1992), os usuários de uma língua têm consciência da existência da diversidade de gêneros em uso na sociedade e, com maior ou menor domínio, são capazes de reconhecer e de usar intuitivamente alguns desses gêneros. Dessa forma, não é necessário um conhecimento teórico sobre um dado gênero para reconhecê-lo e utilizá-lo. Os resenhistas citados evidentemente sabem o que é uma resenha, mas esse conhecimento não parece estar consolidado, ou, ainda, o resenhista percebe que o gênero não possui uma única função e daí, talvez, a necessidade do uso da metadiscursividade, ou seja, a necessidade de se referir às funções do gênero. Quando não temos certeza do “como dizer”, nos debruçamos sobre o “código” procurando (improvisando) a melhor maneira de fazê-lo. Procedemos como o apaixonado que diz à amada que as palavras não são suficientes para expressarem o que ele sente. Nesse ponto, o foco do discurso se desvia do referente e recai sobre a função – metadiscursivamente.

Um dado curioso reforça essa nossa argumentação de que o gênero talvez não esteja satisfatoriamente configurado (no sentido de que o gênero não possui uma única configuração) para esses usuários. No **Manual de redação da Folha de S. Paulo (MFSP)**, que orienta as produções de boa parte dos textos examinados nesse trabalho, encontramos a seguinte definição de resenha:

Resenha – Gênero jornalístico que consiste em resumo crítico de livro. Deve ser informativo, dando ao leitor uma idéia do conteúdo da obra e de quem é seu autor, mas também exige que se emita opinião sobre a qualidade. Sempre assinada.

De acordo com essa definição do MFSP, a temática da resenha deve se limitar exclusivamente a livros. Contraditoriamente, essa circunscrição exclui resenhas comumente vistas nos textos do próprio jornal, tais como a resenha de filme, de CD, de desfile de moda, de exposição de arte, etc., como comprovam os dois exemplos a seguir:

Exemplo 3

Primeiro foi a vez das brasileiras, as modelos. Agora é a vez dos brasileiros, os estilistas. Alexandre Herchcovitch recebeu uma boa resenha da editora Suzy Menkes na edição de terça do “International Herald Tribune”. Ela disse que a melhor parte de seu desfile era o trabalho com os materiais, uma “revolução têxtil”. (**Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 11/10/2000)

Exemplo 4

O filme “Cronicamente Inviável”, de Sérgio Bianchi, foi elogiado em resenha publicada anteontem no jornal norte-americano “The New York Times”. “Próximo ao espírito dos ataques de Luis Buñuel aos olhares apaixonados que a burguesia dá a si mesma, o filme é um duro e sarcástico soco nas costelas da classe média brasileira”, escreveu o crítico Elvis Mitchell. Com o nome “Chronically Unfeasible”, o filme foi exibido no sábado como parte do 38º Festival de Filmes de Nova York. (Folha de S. Paulo, Ilustrada, 9/10/2000)

Sublinhemos aqui o descompasso entre a definição codificada pelo MFSP e a aceção de resenha usada nos exemplos (3) e (4) citados. Naquele, resenha é resumo crítico de livro. Nos exemplos, entretanto, vemos que fazer resenha é descrever e se posicionar criticamente em relação a um fato, a um evento ou a uma produção artística e/ou intelectual – o que ultrapassa a definição do MFSP, que é limitada e não representa a realidade do funcionamento quando observamos qual é a concepção do gênero que os produtores de resenha apresentam.

Mas a resposta a nossa pergunta – por que a metadiscursividade? – pode ser mais ampla. A seguir, examinaremos três outros aspectos da metadiscursividade: a imagem e os papéis sociais do resenhista e o caráter menor do gênero resenha.

A IMAGEM DO RESENHISTA E A FUNÇÃO DA RESENHA

Façamos uma segunda pergunta: quais as representações que os produtores da resenha possuem sobre esse gênero? A seguir, examinaremos isso mais detidamente, sempre focalizando trechos metadiscursivos.

Para tanto, partamos de uma descrição da estruturação da resenha crítica apresentada por Machado (2002).¹ A resenha, para essa pesquisadora, seria composta por: apresentação do autor e da obra examinada, descrição da própria obra, descrição de seus aspectos problemáticos, avaliação global e levantamento dos possíveis leitores a quem a obra poderia interessar. Dos aspectos citados, queremos ressaltar os que nos parecem ser mais polêmicos nas resenhas aqui examinadas: a descrição de aspectos problemáticos e a avaliação global. Esses dois aspectos estão estreitamente relacionados entre si: eles devem ser estruturados de forma a convencer o leitor da validade dos posicionamentos do resenhista – de preferência de forma argumentativa. Dizer se é bom ou ruim, se é feio ou bonito não basta – o resenhista deverá dizê-

¹ A autora propõe uma descrição do plano global da resenha crítica acadêmica. Julgamos pertinente utilizar essa descrição como referência, pois é possível perceber uma estruturação semelhante na resenha produzida no domínio jornalístico.

lo e justificar sua opinião. E o que percebemos é que, quando as críticas não são muito elogiosas e o resenhista supostamente não é convincente em seus argumentos, a imagem do resenhista é colocada em questão. Vejamos o seguinte exemplo:

Exemplo 5

Decididamente *não se faz resenha criticando a “construção defeituosa”* de uma frase isolada do seu contexto: “Creonte acusa recepção e habilmente dá novo rumo à conversa”. *Esse tipo de crítica sempre diz mais do resenhista do que do livro resenhado.* (Kathrin Rosenfield, professora de Teoria Literária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais!, 19/11/2000; grifo nosso)

Nesse Exemplo 5, há uma orientação sobre o modo como se deve fazer uma avaliação da obra – ou, mais precisamente, sobre como não se deve fazer tal avaliação – e diz-se que, caso o resenhista não siga essa orientação, poderá construir uma imagem negativa sobre si mesmo. Nesse caso, considera-se que avaliar negativamente uma obra é, de alguma forma, se expor também. Essa parece ser uma preocupação freqüente, como podemos ver nos Exemplos 6 e 7 a seguir:

Exemplo 6

Sei que é extremamente antipático em qualquer resenha levantar questões que desde o início o autor do livro comentado não se propôs a discutir. No entanto, o estudo de Uchoa levanta tantas questões para repensar a contribuição de Picasso no âmbito da arte deste final de século que não resisto à tentação de levantar aqui algumas indagações que o autor não abordou (ou não viu necessidade de aprofundar) em seu livro. (Tadeu Chiarelli, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais! 8/12/96; grifo nosso)

Exemplo 7

Vejo que começo esta resenha com um tom meio antipático, que é injusto não só com a excelente iniciativa editorial de publicar um volume de ensaios sobre poetas, mas também com a alta qualidade de alguns dos textos aqui reunidos. É que o gênero resenha costuma oscilar entre a reportagem, o resumo, a invectiva e a propaganda. Melhor então, se o termo “crítica” ainda tem algum sentido, problematizar, sem antipatia, e avaliar, com o máximo de simpatia possível, este livro. (Marcelo Coelho, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais! 15/9/1996; grifo nosso)

No Exemplo 6, o resenhista já inicia a resenha afirmando ter conhecimento sobre o “comportamento” possivelmente inadequado que irá assumir ao avaliar a obra, procurando preservar sua imagem, que poderia ser afetada. Já no exemplo seguinte (Ex. 7), vemos o resenhista “se desculpando” pelo modo como irá avaliar o livro resenhado e, além disso, o vemos atribuir a responsabilidade do seu modo de avaliar o caráter híbrido do gênero. Mesmo diante da falta de estabilidade do gênero aludida por ele, é possível perceber uma orientação sobre o modo como se deve avaliar uma obra: “com o máximo de simpatia possível”.

Essa sugestão de avaliar com o máximo de simpatia possível, por outro lado, parece ser questionável também. No exemplo que vemos a seguir, o jornalista afirma ter sido criticado por ter elogiado explicitamente um determinado livro:

Exemplo 8

Por falar em poetas, *recebi algumas críticas a respeito da resenha que publiquei no Mais!* de três semanas atrás, sobre “Algo de Sol”, poemas de Nelson Ascher, e o livro de ensaios dele que citei acima. No final, eu fazia um elogio rasgado a Nelson Ascher, dizendo que era um dos poetas mais inteligentes, profundos e significativos depois de João Cabral. *Houve gente que achou isso cupinchagem, coisa de um amigo falando do outro.* (Marcelo Coelho, **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 20/11/1996; grifo nosso)

Além disso, para alguns, ser favorável às idéias do autor comprometeria não só a imagem do resenhista como também o caráter do gênero. Observemos o exemplo a seguir:

Exemplo 9

A dialética de Adorno é musical e dissonante por natureza. “Prismas” renova esse desafio, contra a tentação de imobilizá-lo em leitura obrigatória. Agora que o capitalismo internacional parece ao mesmo tempo frágil e inabalável, a atualidade de Adorno se faz sentir com mais força. Ele não gostaria desta frase. *Não há propaganda aceitável, e toda resenha a favor tem algo de propagandístico.* Melhor dizer (em adornês) que, na sua obsolescência, a obra de Adorno mantém uma atualidade que é muito mais forte do que a vontade de torna-la atual a todo custo. (Marcelo Coelho, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais! 21/12/97; grifo nosso)

Em (9) fica traçada uma fronteira um pouco imprecisa: propaganda e resenha em certo sentido se tocam. Desse ponto de vista, o mero elogio compromete o resenhista e, além disso, compromete o caráter do gênero – acabando por situar o texto em que tal elogio figura num caminho que o distancia do próprio gênero resenha. A resenha, nesse sentido, assume várias funções.

O PAPEL SOCIAL DO RESENHISTA

As representações em torno do papel social do resenhista também merecem destaque. Quem produz uma resenha? A resenha é normalmente produzida por especialistas de uma determinada área para leitores também especialistas nessa mesma área. Os papéis sociais dos interlocutores envolvidos nesse gênero são, ou pelo menos se apresentam como, mais flexíveis no domínio jornalístico. Nessa esfera, é possível pensar em resenhistas especialistas que produzem textos para leitores que não o são. Em alguns casos, essa situação chega a ser explicitada, como no Exemplo 10:

Exemplo 10

Resenha de um livro sobre música feita por um leigo pode parecer, e até ser, uma extravagância, mas também pode ter alguma razão de ser, quando se trata de um livro destinado a um público amplo, leigo em sua maioria, como é o caso deste “Notas Musicais – Do Barroco ao Jazz”, de Arthur Nestrovski. Nesta “resenha em algumas notas” devo, pois, assumir minha posição de leitor leigo, deixando de lado qualquer tipo de julgamento quanto ao mérito das opiniões de Nestrovski, sob o ponto de vista musicológico. Pelo que conheço de sua obra, o livro deve ter muito mais acertos do que desacertos, caso existam, mas isso é assunto de eventual polêmica entre técnicos, terreno em que não posso ter a pretensão de entrar. (José Mindlin, empresário e bibliófilo; grifo nosso)

Nesse Exemplo 10, o autor do texto quase que se desculpa por ser “um leigo” em música, assunto abordado no livro a ser resenhado. O fato de o autor se justificar aponta para aquilo que ele pensa acerca do papel social daquele que deveria escrever uma resenha: deve ser um especialista no assunto. Além disso, o produtor de uma resenha deve conhecer a obra do autor do texto resenhado (Machado, 2002). Esses dois fatores dizem respeito a aquilo que estamos chamando de papel social do resenhista. A reflexão acerca disso é muito comum nas resenhas jornalísticas, como podemos ver nas citações abaixo:

Exemplo 11

Olha, já vou avisando, eu nunca tinha lido um livro de Paulo Coelho. “Veronika Decide Morrer” rompeu meu hímen. E falei para os caras que me pediram a resenha, se não seria melhor alguém que tivesse lido toda sua obra. “Não, queremos você”, foi a resposta. Também quero deixar claro: sou amigo do homem e nunca tive nada contra ele e já o defendi publicamente, mais de uma vez, de críticos e escritores que torcem a napa diante de uma literatura popular “made in Brazil”. Então tá. (Marcelo Rubens Paiva, Folha de S. Paulo, Ilustrada, 25/7/1998; grifo nosso)

Aqui o resenhista deixa claro o quanto está aparentemente descredenciado para comentar o livro em questão. Sua concepção acerca do papel social do resenhista se explicita. Caso o conhecimento em torno da obra resenhada esteja sob suspeita, novamente a imagem do resenhista fica comprometida, como podemos ver no Exemplo (12):

Exemplo 12

Já nos habituamos a ver nosso livro “Impostures Intellectuelles” ser debatido por pessoas que não o leram. Porém, é surpreendente que alguém que obviamente leu nosso livro – um professor de filosofia, aliás – possa ter escrito uma longa resenha, em um jornal sério, na qual ignora quase tudo o que escrevemos no livro e ainda nos atribui coisas que não escrevemos (Jornal de Resenhas, n. 38, 9/5/98, p. 10). (Alan Sokal, Jean Brikmont, Folha de S. Paulo, Caderno Especial, 13/6/98)

UM GÊNERO MENOR?

Motta-Roth (2002) afirma que, no domínio acadêmico, a resenha seria um gênero menor ou pouco “nobre”:

Pesquisadores iniciantes geralmente parecem estar mais dispostos a resenhar um livro do que os mais experientes, uma vez que isso pode ser uma forma de participar no debate da disciplina por meio de uma tarefa menos complexa, do que, por exemplo um artigo, que requer mais tempo para leituras e procedimentos de pesquisa. (Motta-Roth, 2002, p. 82)²

A autora trata de uma realidade norte-americana, pois o que se vê no Brasil, em relação a esse aspecto, é que profissionais mais experientes no domínio acadêmico também se ocupam dessa tarefa.

No domínio jornalístico, os resenhistas constantemente se referem à resenha também como um gênero menor em comparação ao livro resenhado ou até mesmo em relação a outros gêneros:

Exemplo 13

Para resumir, a “Literatura Européia e Idade Média Latina” é a um só tempo um compêndio filológico e metodológico, uma história da literatura e uma profissão de fé humanista – *o que uma mera resenha não pode absolutamente abarcar*. A visão panorâmica e a precisão do pormenor, a forma lapidar da exposição e a relevância do conteúdo que se manifestam neste livro fazem dele uma das publicações mais consistentes das humanidades no século 20. (Modesto Carone, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais! 27/11/94; grifo nosso)

Exemplo 14

Nenhuma resenha poderia dar conta da quantidade de argumentos e achados neste livro riquíssimo. (Artur Nesstrovski, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais! 6/8/95)

No Exemplo 13, como vemos, o autor considera que uma “mera” resenha sobre o livro não faria jus à grandeza da obra, diminui o gênero para exaltar o objeto da resenha. No Exemplo 14, a resenha é vista como um gênero que promoveria uma perda em relação à quantidade de informação da obra resenhada. Em outros exemplos, a perda seria não em relação ao tamanho, mas em relação à “grandeza” da obra, como podemos ver nos Exemplos 15 e 16:

² A autora discute o gênero resenha acadêmica a partir de um estudo envolvendo entrevistas com professores universitários de instituições norte-americanas que atuavam como editores em periódicos publicados nos Estados Unidos.

Exemplo 15

Nossa capacidade de contaminar o presente, o passado e o futuro é incomparavelmente maior do que nossa fraca imaginação moral. Tema complexo demais para tentar discutir aqui, em poucas linhas. *Livro bom é assim: não cabe numa resenha*. (Diogo Mainardi, revista *Veja*, 22/8/2001; grifo nosso)

Exemplo 16

A arte é enorme, a resenha é breve. (Artur Nestrovski, *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 17/5/2002)

O caráter menor do gênero chega também à imagem do produtor da resenha. No Exemplo 15, o que observamos é que os produtores de resenha são referidos como sendo “qualquer um” e também como “escritores muito menores”.

Exemplo 17

Na nota introdutória a “As Irmãs Vane”, a última e melhor história em “Perfeição”, o autor nos informa que um truque como o do acróstico – o surgimento de duas mulheres mortas, que “aparecem” ao se juntar a primeira letra de cada palavra do último parágrafo – só pode ser tentado uma vez a cada mil anos de ficção”. *Mas, depois deste exemplo, ele está ao alcance de qualquer um: artistas como Updike e Pynchon, ou outros muito menores, qualquer autor de resenha, ou de orelha de livro*. (Artur Nestrovski, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais, 25/2/1996; grifo nosso)

As representações, tanto em relação ao modo como se faz a avaliação crítica dentro da resenha quanto ao “caráter” menor desse gênero, giram em torno da imagem dos produtores do gênero. Em todos esses exemplos citados, é a imagem do produtor do texto que está em jogo.

CONCLUSÃO

De fato, um aspecto importante, que parece presidir a metadiscursividade na resenha, está ligado à imagem do resenhista. Nos itens 3, 4 e 5 pudemos constatar isso. Seja no que se refere à avaliação ou ao levantamento de aspectos problemáticos da obra, seja em relação aos papéis sociais do resenhista ou em relação ao caráter do gênero, vimos que há uma preocupação constante com a imagem do produtor de resenhas. Essa preocupação faz com que o resenhista freqüentemente faça uso da metadiscursividade.

Afirmávamos anteriormente, de um modo genérico, que o uso da metadiscursividade se caracteriza por um enfoque nas funções do gênero em detrimento do “referente”. E dizíamos mais: que efetivamente o resenhista domina a configuração,

dada pelos manuais, de uma resenha. O que nos parece necessário acrescentar a isso é que o domínio dessa configuração não parece garantir uma certa eficiência na interação. É necessário, em alguns momentos, situar a posição do enunciador para que seja garantida a função da resenha: avaliar uma determinada obra. Nas resenhas em questão interessa menos o objeto da resenha, parece interessar mais o ponto de vista a partir do qual esse objeto é focalizado.

Sabemos que não podemos pensar apenas nos aspectos formais de um gênero (cf. Marcuschi, 2002). Devemos pensar um gênero como constituído numa relação de interação. Essa relação se constitui entre um eu que enuncia, o resenhista nesse caso, e o seu leitor. O papel social desse resenhista é o de especialista em determinado assunto para, munido dessas credenciais, avaliar outros autores e/ou obras. Observamos que é precisamente sobre esses dois aspectos que recaem os recursos metadiscursivos: o resenhista se explica ou é cobrado pelo fato de não ser especialista, o resenhista se desculpa ou é cobrado por estar avaliando, seja de forma positiva ou negativa, uma determinada obra. O que observamos, portanto, é que todo esse esforço metadiscursivo parece se explicar por uma constante tentativa de preservação dessa instância enunciativa.

RÉSUMÉ

A partir de notions de genres du discours proposées par Bahktine, ce travail examine un ensemble de textes publiés dans le journal *Folha de S. Paulo* qui réfléchissent sur l'acte de composer un compte rendu.

Mots-clés: Genre du discours; Métadiscursivité; Compte rendu.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. (a partir da edição francesa) Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Os gêneros do discurso, p. 277-326.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Novo manual da redação*. 9. ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2000.
- GRUPO FOLHA. *Folha de S. Paulo*, site do Grupo Folha. URL: <http://www.uol.com.br/fsp>. Consultado em 23/5/2002.
- MACHADO, Anna Rachel. A formação de professores como lócus de construção de conhecimentos científicos. In: MAGALHÃES, M. C. C. *As faces da lingüística aplicada*. São Paulo: EDUC. (No prelo).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MACHADO, Anna Rachel; DIONÍZIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MOTTA-ROTH, Desirée. A construção social do gênero na resenha acadêmica. In: MOTTA-ROTH, Desirée; MEURER, José Luiz (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru: EDUC, 2002.